



## 1. Alpes e Paisagem

Os Alpes como modelo de representação pictórica estão associados à reprodução de um ideal paisagístico e social romântico, revelando-se, desde a sua “descoberta”, no trabalho de escritores como Jean-Jacques Rousseau (*Julie ou la Nouvelle Heloise*, 1761) e Horace-Bénédict de Saussure (*Voyages dans les Alpes*, 1779), bem como de pintores como Caspar Wolf, William Turner ou John Ruskin.

No campo das intervenções paisagísticas e urbanas, a ascendência da paisagem alpina também se tem vindo a afirmar, sendo a evolução da cidade alpina de Merano e dos seus jardins, em continuidade com o meio natural, um exemplo paradigmático deste fenómeno.

Da paisagem alpina deverá ainda salientar-se, ao longo dos últimos séculos, a relevância para a arquitetura alpina dita “erudita”.

## 2. Alpes, Paisagem e Arquitetura

Em contexto de montanha, a topografia expõe os objetos construídos e a paisagem impõe-se, omnipresente no horizonte, sendo que a arquitetura detém o poder de enaltecer o simbolismo e sedução da paisagem de montanha, mas também de os neutralizar. Foi com esta inexorabilidade que a arquitetura alpina teve de lidar desde cedo, assumindo-se os Alpes como laboratório experimental da arquitetura (Lyon-Caen, 2003) e de novas abordagens à paisagem (Debarbieux, 2005), também graças à sua localização geográfico-cultural central na Europa.

Os arquitetos modernos desempenharam um papel preponderante nesta afirmação dos Alpes no campo da construção, assumindo diversas posturas consoante a sua formação e influências. Enquanto a tendência dos modernos germânicos se caracterizava por uma nova relação arquitetura-paisagem – a arquitetura como “máquina moderna” que reorganiza a perceção da paisagem envolvente (Reichlin, 1998) – a abordagem francesa, tendo inicialmente como figura de proa Henry-Jacques Le Môme, investia, por uma lado, na adaptação da arquitetura vernacular a uma cultura urbana - o “novo *chalet*” -, por outro, nos sanatórios modernos, apelidados de “navios de cruzeiro na montanha” devido à sua dimensão e impacto na paisagem outrora intocada.

No entanto, a transformação mais revolucionária da paisagem alpina será protagonizada pela criação de cidades de raiz na alta montanha - as “cidades de ski”. Embora a primeira realização deste tipo, Sestriere, date dos anos 1930 e seja italiana, serão os franceses a construí-las nos Alpes em grande escala, no período

do designado como *Trente glorieuses*, associadas a relevantes inovações nos campos da engenharia, da arquitetura e do urbanismo.

Os anos 1970 vêm alterar o paradigma, acompanhados da crise económica a par de preocupações ambientais crescentes, assim como do sentimento da urgência de preservação das identidades locais. Surge então o pastiche do *chalet*, mas também uma vaga de aproximações criativas à arquitetura, em que as palavras de ordem são: sustentabilidade, participação cívica e inovação combinada com tradição.

Desde finais do século XX, a procura de novas autenticidades alpinas foi gerando diferentes abordagens, influenciadas pelo contexto histórico-cultural, bem como pela valorização da paisagem e tradições locais. Com frequência, os arquitetos trabalham na sua região, identificando-se particularidades morfo-tipológicas originais na arquitetura de alguns territórios (Norberg-Schulz, 1997; Matos, 2011).

Na Itália alpina poderão destacar-se duas abordagens distintas: a do Piemonte e Vale d’Aosta em oposição à do Alto Adige/Tirol do Sul. A primeira, marcadamente latina e protagonizada por arquitetos formados no Politécnico de Turim, caracteriza-se pela reinterpretação da tradição e uso de referências históricas e técnicas locais (De Rossi, 2005). A segunda, de influência germânica, é estrategicamente produzida para servir a promoção da região e da sua identidade, refletindo preocupações sociais e ecológicas.

Na Áustria, a arquitetura do Tirol, institucional e gerada essencialmente na Escola de Innsbruck, distingue-se da provocação arquitetónica da região do Vorarlberg (Kapfinger, 2003). Os *Vorarlberger Baukünstler*, construtores locais, desde há décadas que promovem o direito a realizarem com autonomia as suas construções, revelando este fenómeno a forte autonomia e identidade da região. A sua arquitetura, frequentemente fruto de processos participativos, recusa o formalismo, caracterizando-se pela inovação combinada com tradições construtivas locais e preocupações ecológicas.

O purismo germânico de Grisões e a *tendenza* do Tessino espelham as fortes identidades regionais e tensões internas que encontramos na Suíça. Enquanto na arquitetura de Grisões se destacam as formas puras e abstratas - racionalização dos tipos arquitetónicos locais - como contraponto da paisagem natural, no Tessino a herança italiana marca presença através de um grupo de arquitetos, do qual fazem parte Mario Botta e Aurelio Galfetti, influenciados pelos modernos, pelo regionalismo italiano e pelo arquiteto americano Louis Kahn, mas também pelos materiais e densidade da arquitetura local. Estes arquitetos consideram o lugar como valor essencial, estabelecendo as suas criações uma forte relação com a paisagem de montanha natural mas também com o contexto urbano - o que leva à cidade na montanha.

### 3. A Cidade na Montanha

A ideia da montanha tal como a conhecemos é uma invenção nascida na cidade, personificando aquela, durante séculos, a antítese da cultura urbana. Nas gravuras de Matthäus Merian representando cidades alpinas, é bem visível esta separação física, aparecendo as montanhas como cenário natural dos burgos concentrados no interior de cercas muralhadas.

Antes de surgir o interesse pela montanha propriamente dita, foram as cidades alpinas que atraíram humanistas, artistas, comerciantes e personalidades em busca das curas termais. Jean-Jacques Rousseau (1999) altera o modo de considerar estes elementos. Em *Les confessions*, desloca-se frequentemente da montanha selvagem à cidade civilizada, admirando as duas paisagens em relação uma com a outra, estabelecendo um cânone para o modo de olhar e representar em conjunto estes dois elementos.

No início do séc. XVIII os viajantes ingleses seguem a moda do *Grand Tour*, procurando os Alpes, atraídos pelas suas paisagens, estabelecendo a génese do turismo de montanha do século XIX. Artistas, escritores, homens cultos e burgueses procuram paisagens sublimes e uma sociedade idealizada, ao mesmo tempo que as cidades tiram proveito desta tendência, promovendo a sua imagem associada à figura da montanha. A cidade como parte inseparável da sua envolvente natural é veiculada por meio de objetos iconográficos, difundidos para promover a indústria do lazer e do turismo de saúde. Ela passa a apresentar-se como detentora de uma identidade única, ligada à qualidade de vida.

A partir da Revolução Industrial, algumas cidades centralizam a exploração dos recursos da montanha para a indústria. Esta exploração, conjuntamente com a construção de infraestruturas de transportes, representa uma nova ameaça para o meio montanhês. Ainda assim, no início do século XX, surge um manifesto marcante, baseado na crença da montanha – mais especificamente dos Alpes – como território detentor de uma força inspiradora para uma sociedade ideal. É a obra *Arquitetura Alpina (Alpine Architektur)*, da autoria de Bruno Taut, propondo uma utopia construtiva e social inspirada na montanha (2004, Taut et al.).

A distinção cidade/natureza – ou cidade/montanha – perde objetividade no contexto trans-industrial. As fronteiras físicas, simbólicas ou sociais entre estes universos, dantes opostos, dissolvem-se e transformam-se; novas formas híbridas nascem. No entanto, cidade e montanha persistem, embora assumindo novas relações complexas, sendo por isso necessário adotar modelos de desenvolvimento

territorial inovadores, integrando as duas realidades.

Se as diferenças culturais justificam posturas distintas, de um modo geral o planeamento territorial das cidades alpinas observadas vai no sentido da aplicação de boas práticas, nomeadamente:

- A constituição de redes de cidades e de estruturas territoriais polinucleares;
- O empenho na densificação e multifuncionalidade das áreas consolidadas, combatendo a urbanização difusa;
- A importância atribuída à paisagem natural e cultural, atualmente não encarada como algo intocável mas antes como parte dinâmica de um desenvolvimento equilibrado;
- A tomada de medidas para um desenvolvimento sustentável do território, integrando cidade e montanha, baseado nos conceitos de ecologia, identidade e urbanidade e envolvendo a população;
- A utilização da arquitetura contemporânea de produção local como veículo de promoção das cidades.

De que modo estas boas práticas poderão ser úteis na abordagem a outras cidades de montanha, incluindo a Covilhã, reforçando um desenvolvimento sustentável?

#### 4. A Covilhã e a Serra

A Serra da Estrela será território por explorar cientificamente até bem mais tarde do que os Alpes ou outras grandes montanhas europeias. Tal como noutros países, embora tardiamente, o paradigma alpino foi sendo absorvido e associado às nossas montanhas sob diversos aspetos. No entanto, descurou-se o seu valor estético e paisagístico, o que se revela na inexistência de obras pictóricas dignas de nota, durante o longo período de descoberta da montanha.

É notável como a indústria se desenvolveu na Covilhã, apesar das condições topográficas adversas e dos acessos difíceis, indústria esta que transformou radicalmente as paisagens das ribeiras da Goldra e da Carpinteira, enquanto na área consolidada se foram implantando equipamentos industriais e se realizaram pequenos melhoramentos urbanísticos, que não introduziram alterações significativas na malha urbana. Mas hoje a beleza e carácter singular da cidade da Covilhã, em diálogo com a montanha, encontram-se ameaçados. A expansão urbana desordenada associada a um investimento limitado na arquitetura de qualidade, ao longo de décadas, afetaram de modo negativo a relação cidade-montanha a vários níveis.

Arriscamos ainda sugerir razões culturais, tal como indicado por Aires da Silva (1996), quando refere falhas de âmbito cultural desde

há séculos (manifestas, por exemplo, na inexistência de representações pictóricas relevantes da cidade até meados do século XX). Esta ausência poderá ter contribuído, no caso português, para a indiferença perante a descaracterização da paisagem. Em oposição, em contexto alpino, a noção cultural e simbólica do valor da paisagem serve muitas vezes como travão à descaracterização da imagem do território, arrastada pela expansão urbana (Matos, 2011). A Covilhã está a tempo de reinventar uma aproximação ao território tomando novas vias, como o fizeram determinadas cidades alpinas.

No campo do desenho urbano e da arquitetura, dois projetos merecem destaque neste contexto. São ambos projetos que propõem novas vias para a reinvenção da cidade, de formas distintas, mas sempre revelando um enorme respeito pelo património construído e paisagístico. Referimo-nos às obras de Bartolomeu Costa Cabral para a Universidade da Beira Interior (incluindo o MUSLAN) e ao Polis Covilhã, liderado por Teotónio Pereira, que deu origem a diversos projetos de requalificação do espaço público e de estruturas facilitadoras da mobilidade (Pereira et al. 2005). Ambas as intervenções incidem sobre o património industrial, reconvertendo-o e valorizando-o.

Muito resta ainda por fazer por este património que cremos ser o maior potencial da cidade porque, em conjunto com a sua relação com a montanha, constitui o seu carácter único. Neste âmbito, cabe um papel essencial a instituições como a Câmara Municipal e a UBI, que poderão continuar a promover políticas e ações diversas para a valorização e dinamização do património natural e construído de modo sustentado.

## Bibliografia

- BERQUE, Augustin (1995). *Les raisons du paysage – de la Chine antique aux environnements de synthèse*. Vanves: Éditions Hazan.
- DEBARBIEUX, Bernard (2005). “Du paysage magnifié à l’empayagement”. *National Research Programme NRP 48 – Landscape and Habitats of the Alps*. Consultado em 24/05/2007, disponível em <http://www.nrp48.ch/index.html>
- DE ROSSI, Antonio (2005). *Architettura alpina moderna in Piemonte e Valle d’Aosta*. Turim: Umberto Allemandi & C.
- KAPFINGER, Otto (dir.) (2003). *Constructive Provocation. Contemporary Architecture in Vorarlberg*. Salzburgo: Vorarlberg Architekturinstitut / Institut Français d’Urbanisme / Anton Pustet
- LYON-CAEN, Jean-François (dir.) (2003). *Montagnes: territoires d’inventions*. Grenoble: Ecole d’architecture de Grenoble.
- MATOS, Maria João (2011). *Paisagens Urbanas Contemporâneas de Montanha. Metodologia para uma Abordagem Conceptual em Arquitectura na Covilhã*. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Universidade da Beira Interior / Université Paris VIII - ENS d’Architecture de Paris La Villette.
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1997). *L’Art du lieu – Architecture et paysage, permanence et mutations*. Paris: Le Moniteur.
- PEREIRA, Nuno Teotónio; Milheiro, Ana Vaz; Afonso, João, et al. (2005). *Uma ideia para a cidade da Covilhã. Nuno Teotónio Pereira. Candidatura ao prémio Sir Robert Matthew. Prize Nominee*. UIA 2005. Lisboa: Ordem dos Arquitectos/Conselho Directivo Nacional. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- REICHLER, Claude (2002). *La découverte des Alpes et la question du paysage*. Genebra: Georg.
- REICHLIN, Bruno (1998). “Quand les architectes modernes construisent en montagne”. In Clivaz, Michel; Brusson, Jean-Paul (dirs.) (1998). *Patrimoine culturel architecture et paysage de l’arc alpin. Colloque de Sion des 20, 21 et 22 juin 1996*. Sion: Université de Genève / Institut d’Architecture / Institut Universitaire Kurt Böch.
- ROGER, Alain (1997). “Du “pays affreux” aux sublimes horreurs”. In Saint Girons, Baldine et al. (1997). *Le paysage et la question du sublime*. Réunion des Musées Nationaux / Association Rhône-Alpes des Conservateurs / Le Musée de Valence, pp. 187-197.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1999). *Les Confessions. 1712-1728*. Consultado em 04/04/2007, disponível em [http://abu.cnam.fr/cgi-bin/donner\\_html?confessions1](http://abu.cnam.fr/cgi-bin/donner_html?confessions1)

- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1761). *Julie ou la nouvelle Héloïse*. Paris: Garnier-Flamarion. Consultado em 30/06/2009, disponível em [http://fr.wikisource.org/w/index.php?title=Julie\\_ou\\_la\\_Nouvelle\\_H%C3%A9lo%C3%AFse&printable=yes](http://fr.wikisource.org/w/index.php?title=Julie_ou_la_Nouvelle_H%C3%A9lo%C3%AFse&printable=yes).
- SAUSSURE, Horace-Bénédict de (2002) [1779-1796]. *Voyages dans les Alpes*. Genebra: Georg.
- SCHAMA, Simon (1999). *Le paysage et la mémoire*. Paris: Seuil.
- SILVA, José Aires da (1996). *História da Covilhã*. Covilhã: Edição de autor.
- TAUT, Bruno; SCHIRREN, Matthias (2004) Bruno Taut. *Alpine Architektur*. Munique / Berlim / Londres / Nova York: Prestel.